

O HORROR EM *JERUSALÉM*: A HISTÓRIA DIAGNOSTICADA DE THEODOR BUSBECK

JEHNIFER PENNING¹;
HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – j-penning@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – hjcristeiri@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Literatura sempre conversou com a atualidade. O que lemos passa a habitar em nós, constituindo-nos, ora confortando-nos, ora inquietando-nos. A leitura que inquieta é a mais especial, pois é a que nos tira do chão, nos move a sítios antes não visitados. Pensando nisso, escolhemos nosso objeto de estudo: o romance *Jerusalém* (2004), escrito por Gonçalo Tavares. Dentre muitos personagens peculiares que a obra traz, está Theodor Busbeck, um médico fascinado por imagens de horror, que desejava, a partir das fotografias, elaborar uma história do próprio horror, almejando provar se essa seria cíclica, se se repetiria ou se esses acontecimentos eram finitos no tempo. Pretendemos analisar Busbeck e estudar a questão da imagem, com base sobretudo, nas teorias de Georges Didi-Hubermann, pensando nas proposições do médico de *Jerusalém*.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a da Literatura Comparada. Analisamos o objeto de estudo e o comparamos com as teorias escolhidas. A partir dos encontros entre os pesquisadores envolvidos, nesse caso doutoranda e orientador, foi, e será, uma vez que o estudo ainda está em processo, possível chegar às conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso ponto de partida é o romance *Jerusalém* (2004), publicado em 2004 e escrito pelo escritor português Gonçalo Tavares. O livro compõe a tetralogia *O Reino*, juntamente de *Um Homem Klaus Klump* (2007), *A máquina de Joseph Walser* (2004) e *Aprender a rezar na era da técnica* (2008).

Dentre outros personagens construídos na narrativa de *Jerusalém*, temos Theodor Busbeck: um médico renomado que, nas horas vagas, se dedicava à análise e à admiração de imagens que retratassem momentos cruéis da história, sobretudo as que mostrassem os campos de concentração. Busbeck admirava, não necessariamente no sentido positivo, o quanto comportavam as fotografias, isto é, quanto crime ou quanta morte cabia em um único retrato.

Atualmente, Georges Didi-Huberman é um dos grandes nomes que pensa a imagem, especialmente as que envolvam acontecimentos únicos no horror, como o Holocausto. Para o filósofo, é preciso que se imagine para poder saber; nesse sentido é preciso imaginar o que foi o inferno daqueles campos.

Não nos protejamos dizendo que de qualquer forma não o podemos imaginar – o que é verdade –, já que não poderemos imaginá-lo

inteiramente. Mas devemos imaginá-lo, esse imaginável tão pesado (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 73).

Didi-Hubermann vê esse dever como uma dívida que ainda temos com o passado; e para o teórico a imagem designa-se como potência de representar o horror irrepresentável. Tal qual pensava Theodor:

nesta fotografia estão mais de mil corpos [...]. Estava na legenda: uma fotografia ampla, um grande plano, uma fotografia que acertava – trata-se de acertar em fotografia -, que acertava num espaço extenso; qual seria a sua medida exacta, em metros quadrados, mais de quarenta, menos, quanto? O certo é que a legenda explicitava o número que os olhos podiam calcular de uma outra maneira que não a numérica, de uma maneira não científica, não medível, mas mais eficaz na expressão dos sentimentos e mais consequente: o espanto tenso. Mil corpos cabem nesta fotografia. (TAVARES, 2006, p. 41)

A ideia do médico, personagem de *Jerusalém*, era estudar o horror, mas não somente; sua intenção era traçar uma linha do tempo que contemplasse todos os acontecimentos mais hediondos. A ideia do médico era “perceber se o horror está a diminuir ao longo dos séculos ou a aumentar. Se é estável” (TAVARES, 2006, p. 45). Pretensiosamente, ele queria chegar à fórmula da maldade, porém não de qualquer maldade: ansiava chegar àquela que é movida sem o medo, isto é, a que não se justifica.

[eu, Busbeck] Chegarei a uma conclusão sem precipitações, sem gritos, sem sentimentalismos inúteis. Chegarei lá racionalmente, com ponderação, lógica, sequência. Nada será criativo, espontâneo ou improvisado. Eu sou médico, tenho instrumentos, aprendi a pensar de uma forma, tenho um plano, já to disse: primeiro recolher toda a documentação possível de modo a chegar ao gráfico da distribuição do horror ao longo dos séculos; **não sei que resultados encontrarei, mas há algo que me faz prever uma regularidade distribuída por curvas que se repetem [...], é essa distribuição de curvas que espero encontrar, a regularidade do coração da História, como se fosse o outro lado [...].** [grifo nosso] (TAVARES, 2004, 47-8)

Nesse contexto, ao criar a “história do horror” (Idem, p. 47), Theodor a analisaria tal qual examina um eletrocardiograma humano, percebendo os altos e baixos, a repetição, as curvas, a continuidade. Ele acreditava que a história era cíclica e queria comprovar.

A professora e pesquisadora Jeanne Marie Gagnebin, no ensaio *O que significa elaborar o passado?* (2009), discute a ideia de repetição dos fatos. Tomemos o exemplo da Shoah, que por muitos teóricos é defendida como um acontecimento superlativo na história. Para ela,

A distinção entre idêntico e semelhante tem o mérito de ressaltar a singularidade dos acontecimentos históricos; a Shoah é singular sim e, nesse sentido restrito, única – mas não é o único acontecimento na longa cadeia de horrores, de aniquilações, de genocídios: há muitos outros acontecimentos diferentes, mas semelhantes no horror e na crueldade – a lista é longa e continua se alongando [...]. (GAGNEBIN, 2009, p. 100)

Como pensava Theodor, pensou Gagnebin. Mas aquele queria sistematizar essas ocorrências, estabelecendo uma regra e concluindo: se o horror estiver a diminuir, significa que a felicidade se aproxima, se estiver a aumentar será o final

dessa história atual, e, caso o horror esteja estável, não há mudanças, tudo continuará normal.

Enfim, é relevante dizer que a pesquisa se encontra em fase inicial e até o presente momento listamos os pontos principais a serem analisados na narrativa selecionada de Tavares. A partir de agora daremos continuidade ao trabalho, problematizando a personagem Theodor Busbeck, objetivando fundamentar a ideia da história do horror e da imagem.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa, que teve seu início com o pré-projeto de Doutorado em Literatura, encontra-se em vias de construção. Estamos desenvolvendo a análise dos pontos selecionados até o momento. Assim, sem demais conclusões para o agora, pensamos na imagem – mote de nossa análise – e a vemos como indício do que não foi apagado, ou seja, como aquela que reflete no hoje o tempo de outrora. A imagem do horror, que tanto influenciava o médico Theodor, é a chave para mostrar que ainda estamos aprendendo a lidar com essa sucessão de horrores que constrói a nossa história, e nos auxilia, conforme Didi-Hubermann pensou, a imaginar o que sequer pode ser imaginado, mas temos o dever de fazê-lo; seja por respeito e em memória dos mortos, seja por luta e consideração aos vivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. – trad. Helano Ribeiro. – Curitiba: Editora Medusa, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. – trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. – Lisboa: KKYM, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. – trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: **Lembrar, escrever, esquecer**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2009.

TAVARES, Gonçalo. **Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.